

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES



AMANDA BRÊTAS ALMEIDA

As Ykamyabas e a lenda do Muyrakytã: uma proposta de figurino

RIO DE JANEIRO
2021

Amanda Bretas Almeida
DRE 115026761

As Ykamyabas e a lenda do muyrakytã: uma proposta de figurino.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para a obtenção de título de Bacharel em Artes
Cênicas - Indumentária pela Escola de Belas Artes de
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Maria Cristina Volpi

Rio de Janeiro
2021

A
A447y Almeida, Amanda Brêtas
As Ykamyabas e a lenda do Muyrakyatã: uma
proposta de figurino / Amanda Brêtas Almeida. --
Rio de Janeiro, 2021.
43 f.

Orientadora: Maria Cristina Volpi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais:
Indumentária, 2021.

1. Muiraquitã. 2. Ykamiabas. 3. Lenda. 4. Mito.
5. Figurino . I. Volpi, Maria Cristina, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTO

Durante toda minha trajetória acadêmica, fui impactada por diversas pessoas que de alguma maneira me ensinaram muito e que contribuíram em muitos momentos de dificuldade. E sou eternamente grata por toda troca que tive. Aproveito este espaço para deixar minha gratidão a pessoas que foram fundamentais nesta trajetória.]

Primeiramente a Deus, que nos momentos de turbulência foi meu suporte para não desistir e seguir em frente.

A minha amorosa família. O meu pai, Nelson Amaral, agradeço por todas as vezes que às cinco da manhã levantamos juntos para ir a caminho da universidade. A minha mãe, Mônica Brêtas, que desde o princípio foi peça fundamental em toda minha trajetória, não só me apoiou com doces palavras de incentivo como também esteve fazendo junto muitas e muitas vezes. Os meus tios, em particular a minha Tia prima Genilda Amaral, que me acolheu e enfrentou dias de chuva durante o período de pesquisa em Belém e ao meu Tio Mário Dias, por ter sido meu primeiro instrutor e incentivador, quando nem eu mesma entendia o que desejava. Ao meu companheiro que esteve ao meu lado em todos os momentos e sempre me apoiou e acreditou em mim, quando nem eu mesma conseguia.

Meus agradecimentos aos amigos nas quais compartilhamos momentos de cansaço, alegria e ajuda, foi muito gratificante dividir essa jornada com vocês.

A minha orientadora, Maria Cristina Volpi, que sempre foi um alento de calma e sabedoria. Gratidão por ter me guiado nesta trajetória.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte de minha formação, certamente sem vocês teria sido bem mais árduo, obrigada.

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo fazer uma adaptação teatral da lenda indígena Muiraquitã e o mito das Ykamiabas, e elaborar uma proposta de figurino. Partindo das conexões familiares feitas durante uma viagem a Belém, dando ênfase a simbologia de empoderamento das mulheres que o mito possui e pensando no quanto a lenda pode ser entendida como atual, busco propor um figurino por uma perspectiva contemporânea mesclando com elementos tradicionais da cultura indígena. Além de me inspirar em movimentos como a primeira marcha das mulheres indígenas e em personalidades indígenas femininas importantes como a ativista Watatakalu Yawalapiti e a pajé Mapulu Kamayurá. As lendas e mitos fazem parte da historicidade da nação brasileira, e é necessário resgatarmos para que não seja apagado da memória.

Palavras-chave

Muiraquitã, Icamiabas, Lenda, Figurino, Contemporâneo.

Abstract

The present project aims to make a theatrical adaptation of the indigenous legend Muiraquitã and the myth of the Ykamiabas, and to elaborate a costume proposal. Starting from the family connections made during a trip to Belém, emphasizing the symbolism of women's empowerment that the myth has and thinking about how much the legend can be understood as current, I seek to propose a costume from a contemporary perspective merging with traditional elements of indigenous culture . In addition to being inspired by movements such as the first march of indigenous women and important female indigenous personalities such as activist Watatakalu Yawalapiti and shaman Mapulu Kamayurá. Legends and myths are part of the historicity of the Brazilian nation, and it is necessary to rescue them so that they are not erased from memory.

Keywords: Muiraquitã, Icamíabas, Legend, Costume, Contemporary.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - - Exposição “Gente Peixe” no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro- CRAB, Rio de Janeiro, Janeiro de 2021.

Figura 2 - - Colagem feita a partir das fotografias do Luiz Braga.

Figura 3 - Cores selecionadas para a cartela de cores.

Figura 4 - Jaci, Deusa da lua e guia espiritual.

Figura 5 - - Izi, filho do Deus Sol.

Figura 6 - - Naruna, líder das Ykamiabas.

Figura 7 - - Ykamyabas.

Figura 8 - Seguidores de Izi.

Figura 9 - Guacaris.

Figura 10 - Izi, filho do sol.

Figura 11 - Desenho da modelagem do personagem Izi, filho do sol.

Figura 12 - Discípulos de Izi.

Figura 13 - Desenho da modelagem do personagem discípulos de Izi.

Figura 14 - Ykamyaba.

Figura 15 - Desenho da modelagem da personagem Ykamyaba.

Figura 16 - Guacaris.

Figura 17 - Desenho da modelagem do personagem Guacaris.

Figura 18 - Naruna Aldeia do chefe Izi.

Figura 19 - Naruna líder das Ykamiabas

Figura 20 - Desenho da modelagem do personagem Naruna.

Figura 21 - Jaci Deusa da lua.

Figura 22 - Desenho da modelagem do personagem Jaci Deusa da lua.

Figura 23 - Iniciando a moulage no manequim.

Figura 24 - Analisando o caimento da moulage.

Figura 25 - Palha sendo esticada

Figura 26 - Resultado da palha em formato de tassel.

Figura 27 - Tassel de palha.

Figura 28 - Resultado do protótipo feito a partir da moulage, do manto com os tassel de palha.

Figura 29 - Ângulo mais próximo do resultado do protótipo com o tassel de palha.

Figura 30 - Desenvolvendo a modelagem do vestido.

Figura 31 - Protótipo do vestido já com as marcações deitadas após a prova de roupa com a modelo.

Figura 32 - Pesquisa de matérias.

Figura 33 - Análise de combinação de matérias.

Figura 34 - Matérias definidas para confecção do figurino da personagem Jaci.

Figura 35 - Costurando as contas na bainha do vestido.

Figura 36 - Contas na linha de nylon.

Figura 37 - Corte do vestido.

Figura 38 - Capa alfinetada para ser costurada.

Figura 39 - Costurando manualmente o tassel de palha com as contas de açaí.

Figura 40 - Confeccionando o colar de "banhos de cheiro".

Figura 41 - Detalhes do vestido e do colar de "banhos de cheiro".

Figura 42 - Visão de corpo inteiro do vestido.

Figura 43 - Detalhes do colar de "banhos de cheiro".

Figura 44 - Manto da Jaci.

Figura 45 - Modelo vestindo o manto.

Figura 46 - Modelo usando o manto, visão de corpo inteiro.

Figura 47 - Detalhes do manto.

Lista de tabelas

Tabela 1 - Decupagem de personagem referente ao livro Vovó Amazônia está contando.-----	18
Tabela 2 - Decupagem de personagem referente ao livro: O reino das mulheres sem leis: ensaio de mitologia Amazônica. -----	18
Tabela 3 - Muyrakytã ou muiiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas. -----	19
Tabela 4 - Decupagem e lista de personagem utilizada para desenvolver o projeto.	20
Tabela 5 - Ficha técnica.-----	36

Sumário

1.	Introdução-----	10
1.1.	Síntese do mito das Ykamyabas e da lenda do Muyrakyatã -----	12
2.	Desenvolvimento-----	15
2.1.	Descrição de personagens -----	18
2.1.1.	Comparação dos personagens -----	18
2.1.2.	Decupagem -----	19
2.2.	Cartela de cores-----	21
2.3.	Referências visuais-----	22
2.4.	Croquis -----	26
2.5.	Processo de confecção do figurino.-----	32
3.	Considerações finais -----	40
4.	Referências-----	42

1. Introdução

Este projeto se iniciou durante uma viagem muito importante a Belém, em março de 2019, terra da minha família paterna. Nesta viagem, fiz minhas primeiras conexões com muitos parentes que não conhecia pessoalmente e a mesma conexão aconteceu quando, numa exposição no museu do Forte do Presépio, tive o primeiro contato com a lenda do Muiraquitã. O Muiraquitã ou Muyrakytã são artefatos raros talhados em pedras esverdeadas, geralmente feito em minerais como nefrita, amazonita ou jade. Possuem formatos de animais, na maioria das vezes ele é encontrado como sapo, entretanto, existem outras versões podendo ser até mesmo em uma forma antropomórfica. Além disso, ele é também considerado um amuleto da sorte e segundo a lenda indígena do Muiraquitã, o talismã era confeccionado pelas índias que a habitavam a margem do rio Nhamundá. Desse modo, fico intrigada pela história deste amuleto e encantada pelas Ykamyabas, por sua potência e pela força dessas mulheres na qual nunca antes havia ouvido falar. Reconectar-me com minha ancestralidade, falar daquilo que pertence a minha terra e além disso, retratar uma lenda que tem protagonismo feminino, foram as principais motivações que levaram a abordar este tema.

Por se tratar de uma lenda indígena, mais conhecida na região norte do Brasil quando retornei ao Rio de Janeiro, tive dificuldade em encontrar estudos sobre a narrativa. As informações que estava conseguindo além de não serem muito seguras pois divergiam, ainda não eram suficientes. Além disso, foi percebido a necessidade de aprofundar mais sobre a história desse amuleto e dessas mulheres.

No meio dessas dificuldades de ter acesso às informações a respeito desta temática e, no mesmo período em que iniciei este projeto (2019.2) surge no SENAI CETIQT um concurso de moda Juta Sustentável, em parceria com a Castanhal, uma grande fábrica paraense responsável por fabricar produtos de juta no Brasil. A premiação para o vencedor consistia em uma viagem a Belém do Pará com tudo pago, vi ali a chance de retornar à terra natal da minha família e poder fazer a pesquisa deste projeto diretamente no local em que a conheci. Dessa forma, não medi esforços para conquistar esta grande oportunidade, em contrapartida, devido às demandas das duas faculdades que cursava e pelo concurso, precisei praticamente parar este projeto. E em novembro de 2019 eu venci o concurso e ganhei a viagem que só ocorreu em Março de 2020.

Durante os dez dias que passei em Belém, mergulhando nessa lenda de intenso imaginário das águas, enfrentei muitos dias de cheia do rio e chuva, pois março é o mês ‘Dela’, como os paraenses chamam a chuva. Nessa ida em busca de informações visitei diversos lugares dentre eles: o Arquivo público do estado do Pará, Biblioteca Domingues Soares Ferreira Penna, Biblioteca Pública Arthur Vianna, Museu de Arte Sacra que detém a maior coleção de muiraquitãs do mundo; e na Biblioteca central da UFPA, onde encontrei a maioria das referências que usei neste trabalho. E na ida ao último local da minha trajetória de pesquisa, o Museu Emílio Goeldi, fiquei “ilhada” com os pés fincados Nela, fui pega pela chuva o que me fez perceber como os paraenses respeitam e entendem sobre as águas que o cercam. No fim, pude entender que a as Deusas e a natureza de certa forma estavam comunicado que a pesquisa terminava ali e que era hora de seguir a jornada.

Desde o princípio acreditei que iria propor um figurino para a lenda do Muiraquitã, entretanto, foi por meio do material teórico encontrado na viagem que tomei ciência do mito das Ykamiabas. O italiano Ângelo Guido Gnocchi (1893-1969); que era pintor, escultor, gravador, crítico de arte, que veio para São Paulo ainda criança e construiu sua carreira aqui no Brasil, escreveu o livro “O Reino das mulheres sem lei: ensaios de mitologia Amazônica”(Livraria do Globo. Porto Alegre, 1937), o autor faz um estudo a respeito das publicações que já foram feitas em torno das Ykamiabas, questionando a veracidade das mesmas. Além disso, através desta análise o autor conta qual seria a origem e o surgimento das Ykamiabas. É neste livro que é possível entender que a lenda do Muiraquitã faz parte da história do mito das Ykamiabas. O mito, que é muitas vezes associado ao mito grego das amazonas, narra a história de um grupo de índias, que não mas satisfeitas com as severas leis que eram aplicadas somente às mulheres pelo líder Izi, decidem unir-se para fugir e formar uma sociedade matriarcal, sem a presença dos homens. Assim, por meio desta percepção que decido que neste trabalho não só irei tratar da narrativa da lenda como também a do mito.

Neste processo de entender visualmente o que queria propor, comecei a pesquisar trabalhos mitológicos e folclóricos que já existiam. E é desta maneira que encontrei o artista Anderson Awvas, que possui um projeto chamado “Folclore Brasil: uma nova visão” que por meio de animação infantil sugere uma nova maneira de falar do folclore brasileiro. No seu trabalho, para exemplificar para a indústria como funcionaria na prática, ele cria uma narrativa e uma novas ilustrações das figuras

mitológicas, reproduzindo cartazes de animações clássicas e substituindo por personagens do folclore brasileiro, um exemplo muito interessante é o cartaz de A Pequena Sereia que se tornou a pequena Yara. O que abriu meus olhos para essas novas possibilidades de utilizar as lendas e os mitos, que foram criados por uma ótica moderna e atual. Além dele, o artista Otaniel Oliveira, foi o responsável por criar uma versão das Ykamiabas em desenho animado de cunho heroico onde os acontecimentos da animação, que se passa em Belém do Pará, englobam histórias do folclore brasileiro. Contudo, entendi que esses modelos ainda não eram a maneira com a qual gostaria de comunicar está lenda.

Na lenda, a aldeia possui uma hierarquia em que o Izi é o chefe. E dentro dessa sociedade a mulher é responsável por todo o funcionamento da mesma, entretanto, não é permitido que participe dos cultos e nem de frequentar a casa dos homens, e quando ela desobedece e é aplicado um lei severa, no caso da lenda a indivíduo é transformada em pedra. Hoje, em muitos povos a mulher indígena ainda passa por situações similares. São poucas as aldeias que mudaram esses costumes e que possuem uma liderança feminina.

Ainda que a lenda seja situada por volta do século X e XI, a realidade hoje de uma boa parte das mulheres indígenas dentro de suas aldeias e também na sociedade ainda é num lugar de submissão e também de busca por se colocar em posição de sujeito em suas vidas. Assim, surge um questionamento: quem seriam essas mulheres Ykamiabas hoje? E é por meio dessas reflexões e por acreditar que a lenda pode ser entendida como algo que acontece hoje, comecei a imaginar quem seriam essas mulheres Ykamiabas. Para discutir quem seriam essas mulheres hoje e a atualidade da questão da emancipação feminina é que decidi fazer dessa lenda uma versão contemporânea. Me inspirei nas mulheres da minha família e nessas importantes personalidades indígenas.

1.1. Síntese do mito das Ykamiabas e da lenda do Muyrakytã

Segundo Silmara Aparecida dos Santos (Pag. 2, 2017), em seu artigo, “é justamente no âmbito do discurso, daquilo que é dito e criado que estão as narrativas mitológicas e lendárias”. Os mitos e as lendas, fazem parte da historicidade da nação brasileira e são conhecidos muitas vezes por meio da fala, e com isso há diversas versões que retratam uma mesma narrativa.

De início, estava certa de que iria tratar apenas da Lenda do Muiraquitã, foi durante a pesquisa que pude entender de onde surgiu a Lenda do Muiraquitã e o Mito das Ykamyabas. Uma narrativa complementa a outra, por isso irei abordar ambas as histórias. E para delimitar a gama de possibilidades destas narrativas, este trabalho, será baseado no livro de Regina Pesce intitulado “Vovó Amazônia está contando” (1981) que dá conta tanto da lenda do Muiraquitã quanto do mito das Ykamiabas. Desta maneira, a seguinte síntese é o roteiro base para entendimento da lenda e do mito.

A história, inicia-se há muitos anos em Tunaí, às margens do rio Içana vivia uma aldeia de índios. As mulheres desta aldeia eram dóceis e obedientes, cuidavam de tudo e sempre faziam o que os homens mandavam. O chefe da aldeia era o poderoso Izi, neto do Sol, e possuía leis muito severas, principalmente para as mulheres. Ele as proibia de tomarem parte do culto de seus deuses e nem mesmo as permitia ouvir o som do pirei¹, assim as índias que desrespeitasse as leis, eram punidas. Um belo dia Izi, o chefe, subiu a montanha junto de seus homens para ensinar-lhes as leis que foram organizadas por ele. Não se aguentando de curiosidade, algumas índias foram espiar e acabaram sendo descobertas, como castigo, foram transformadas em pedra. Indignadas, as outras índias clamavam por vingança, neste momento surge Naruna, uma mulher forte e corajosa que propõe às companheiras a partirem e para viverem sozinhas, em uma terra em que homem nenhum mandaria nelas. E assim, todas as índias apoiaram a decisão e em seu ubá³ partiram. Após longos dias andando, encontraram um rio que possuía uma colina linda e rica em vegetação e nomearam o local de Iaci-Taperê, Serra da Lua, e o lago próximo chamaram de Iaci-Uaruá, Espelho da Lua, nascendo ali a aldeia das cunhatãs teco-imás². Ao descobrirem que as mulheres haviam fugido, os índios foram atrás delas e ao encontrá-las fizeram muitas promessas e imploraram para que elas voltassem e firmes elas recusaram.

Desde então, passaram a viver sozinhas. E para que a aldeia continuasse a sua existência, anualmente, no período de lua cheia, realizavam a Festa de Jaci, deusa da lua e divindade mãe do Muiraquitã. A festa durava vários dias, durante os quais as mulheres recebiam índios da aldeia dos Guacaris, tribo ¹mais próxima das Ykamiabas,

¹ Pirei: orquestra sagrada, que é tocada no momento da reza.

² Ubá: canoa feita com casca de árvore.

³ Cunhatãs teco-imás: mulheres que viviam sem homens.

com os quais mantinham relações sexuais e que tinha como objetivo a procriação. Depois do acasalamento, pouco antes da meia-noite, com as águas serenas e a Lua refletida no lago, as índias nele mergulhavam até o fundo para receber de Jaci os preciosos talismãs, com a configuração que desejavam, recebendo-os ainda moles, petrificando-se em contato com o ar, logo após saírem d'água. Então, os presenteavam com um poderoso talismã o Muyrakytã e eram usados pelos homens pendurados no pescoço para que sua mágica os protegesse de todos os perigos. Por fim, se as Ykamiabas concebessem uma menina, esta seria acolhida na tribo e treinada para ser uma excelente guerreira. Porém, se nascesse menino, seria esperado o tempo do aleitamento e no ano seguinte, na festa do ritual das pedras verdes, este era devolvido à tribo do pai.

Assim como no artigo de autora Margarete Lopes (2014), este projeto também adotará a grafia do nome das guerreiras mitológicas, com Y e K, Ykamiabas e do artefato arqueológico, também com Y e K, Muyrakytã, já que trata-se de um nome indígena.

2. Desenvolvimento

Neste projeto de conclusão de curso sempre desejei que fosse algo que me representasse e que falasse um pouco sobre as causas que acredito e apoio. E conhecer a história dessas mulheres que decidiram criar uma comunidade regidas pelo matriarcado, pois aquele antigo modelo não as cabia mais, gerou em mim uma grande admiração por essas mulheres e o que me fez pensar nas tantas hoje que ainda me inspiram por sua força e coragem. Para além das questões pessoais, acredito que precisamos ver mais no teatro trabalhos que utilizam dos nossos mitos e lendas indígenas, não esquecendo do protagonismo indígena nas mesmas, para que não sejam apagados e invisibilizados. Essas são as principais motivações para o surgimento desse projeto. Desse modo, a seguir busco apresentar o processo de elaboração e execução deste trabalho.

Após finalizar a pesquisa exploratória sobre a lenda e o mito, teve início uma pesquisa sobre artistas plásticos especificamente indígenas. Essa limitação que me impus fez com a dificuldade de encontrar algum artista que conversasse ou que de alguma maneira fosse interessante para o trabalho, ficasse ainda maior. Em seguida, busquei outros caminhos e decidi não limitar as possibilidades para utilizar como fonte de inspiração. Dessa maneira, esbarrei com o fotógrafo paraense Luiz Braga que possui um olhar clínico para cenas do cotidiano e um trabalho extraordinário com cores. Mediante ao seu trabalho rico em cores surge o interesse de utilizar alguns trabalhos do fotógrafo para criar a cartela de cores deste projeto.

O período que ocorre a lenda, muitas vezes é contado no entorno do século V e VI. Entretanto, a narrativa poderia ser associada muito bem nos dias de hoje, século XXI. Assim, tanto no contexto narrativo, na ambientação, quanto no figurino será uma visão contemporânea, pensada nos indígenas que vivem em suas aldeias como também nos indígenas que vivem nos centros urbanos. Por isso, para entender como foi adaptado a cultura indígenas versus o impacto das influências contemporâneas, que divido minha pesquisa de referências imagéticas em dois momentos. No primeiro busquei analisar por meio de imagens como é hoje a indumentária tradicional indígena, o que certamente em muitas aldeias já tem muita influência dos centros urbanos. Num segundo momento, fui pesquisar quais roupas melhor comunicam a personalidade de cada um destes personagens.

Para pensar em um figurino atual, foi criado um perfil psicológico a partir da interpretação da lenda e das poucas características existentes dentro da narrativa. Assim, para cada personagem busquei associar a personalidade indígenas reais que possivelmente se encaixam neste perfil e até mesmo que pudessem interpretá-lo. Deste modo, para a Deusa lua que seria uma avó, uma líder, sabia, que lida com as ervas, uma guia espiritual; tomo como inspiração a cacique pajé Mapulu Kamayurá da etnia Kamayurá, que é a primeira pajé mulher em sua aldeia, defensora dos direitos humanos e uma grande referência para sua comunidade. Já a líder Naruna, que é uma mulher à frente do seu tempo, bem posicionada e com ideias revolucionárias, foi inspirada na Watatakalu Yawalapiti, que é uma liderança feminista indígena da aldeia Tautuari, foi a criadora da casa da Mulher local este onde as mulheres poderia se reunir e praticar seus ritos. O Izi, filho do Deus Sol por ser um personagem rígido, fortemente ligado às tradições, é inspirado no Cacique Raoni, uma forte e reconhecida liderança que combate o desmatamento das florestas. Por fim, para os Guacaris, personagem na qual não se tem informações, imagino como indígenas que estão sempre de passagem, por isso, optei por me inspirar nos Guardiões da Floresta, um grupo de voluntários indígenas que monitoram o interior das florestas em busca de combater ilegalidades, justamente por ser pessoas que estão nesses locais apenas temporariamente. E é desta maneira que imagino hoje estes personagens.

Como fonte de inspiração, fui visitar a primeira amostra dedicada exclusivamente à cultura indígena brasileira. A amostra que ocorreu no CRAB, que é o centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, chamada Gente peixe, conta como algumas etnias narram a origem do mundo. Na exposição é feita uma viagem imersiva com relatos sobre a origem das pessoas e das coisas, e até nesta narrativa a relação com o rio é muito forte e significativa. Esta imersão me trouxe algumas inspirações já que para tratar das divindades que dão origem ao mundo eles utilizam dos elementos tradicionais e contemporâneos como podemos ver nas seguintes fotos.

Figura 1 - - Exposição “Gente Peixe” no Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro- CRAB, Rio de Janeiro, Janeiro de 2021.



Foto: Amanda Brêtas

Posteriormente a esse estudo, busquei fazer associações com elementos da cultura paraense. Por Belém do Pará, tendo grande importância no surgimento deste projeto, utilizei elementos como os banhos de cheiro, as formas da gastronomia local, dentre outros, para pensar nesses figurinos.

2.1. Descrição de personagens

Para poder chegar a uma lista final de personagens foi elaborado um estudo/comparação entre os textos que usei como referência para a lenda. Este textos e livros foram: o livro 'Vovó Amazônia está contando', o livro 'O mito das Icamiabas' e o artigo "Muyrakytã ou muiquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas". A seguir está a decupagem de cada texto e ao final a lista de personagens junto com a decupagem que fiz por meio da soma das informações dos textos utilizados para o estudo da lenda.

2.1.1. Comparação dos personagens

- **Vovó Amazônia está contando**

Tabela 1 - Decupagem de personagem referente ao livro Vovó Amazônia está contando.

NOME DO PERSONAGEM	DESCRIÇÃO
Izi	Chefe da tribo, poderoso, rigorosas leis, terrível, neto do sol, sábio e divino
Naruna	Índia forte, corajosa, cabeleira negra, decidida e líder das Ykamiabas

Fonte: Vovó Amazônia está contando (PESCE, R. 1980)

- **O reino das mulheres sem leis: ensaio de mitologia Amazônica.**

Tabela 2 - Decupagem de personagem referente ao livro: O reino das mulheres sem leis: ensaio de mitologia Amazônica.

NOME DO PERSONAGEM	DESCRIÇÃO
Iuruparí	Chefe da tribo, filho do sol
Coroni	Líder, rainha das Icamiabas
Guacaris	Povo feliz que gozava a favor das valorosas mulheres

Fonte: O reino das mulheres sem leis: ensaios de mitologia Amazônica. (GUIDO, A. 1937)

- **Artigo: Muyrakytã ou Muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropológicas.**

Tabela 3 - Muyrakytã ou muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas.

NOME DO PERSONAGEM	DESCRIÇÃO
Naruna	Líder das Icamiabas
Guacaris	Homens convidados para a festividade em homenagem a Iacinará
Iacinará	Deusa adorada pelas Icamiabas na qual fazem festejos em sua homenagem

Fonte: Muyrakytã ou muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas. (COSTA, Marcondes Lima da; SILVA, Anna Cristina Resque Lopes da and ANGELICA, Rômulo Simões. 2002)

2.1.2. Decupagem

Desse modo, para a elaboração da decupagem foi utilizado o somatório de informações encontradas a respeito dos personagens que referiam-se à mesma pessoa, havendo apenas a mudança de nome. Assim, diante dos comparativos, a lista de personagens que será utilizada neste projeto é a que está no quadro a seguir.

Tabela 4 - Decupagem e lista de personagem utilizada para desenvolver o projeto.

Personagem	Características físicas	Características psicológicas	Referência do vestuário	Acessórios ou objetos
<u>YCAMIABAS</u>	Belas, cabelos longos, fortes.	Guerreiras Amazonas, não tinham medo, habituadas a se defender.	—	Carregavam arco e flecha
<u>NARUNA</u>	Cabeleira negra	Rainha/líder das Icamiabas, forte, decidida e corajosa	—	—
<u>IZI</u>	—	Chefe da tribo, neto do sol, sábio e severo quanto às leis que cria.	—	—
<u>DICÍPULOS DE IZI</u>	—	—	—	—
<u>GUACARIS</u>	—	Índios visitantes, que moravam em uma aldeia próximo as Icamiabas.	—	Usam muiiraquitã pendurado no pescoço.
<u>JACI</u>	—	Deusa da lua cultuada pela Icamiabas, protetora dos amantes e da reprodução.	—	—

Elaborado pela autora a partir da análise dos textos.

2.2. Cartela de cores

Como mencionado anteriormente, a proposta referente as cores para os figurinos deveriam ser cores luminosas e com poucos tons neutros para dar a harmonia entre as cores. Para tal, busquei alguns trabalhos do fotógrafo paraense Luiz Braga, principalmente o trabalho feito no projeto de Visualidade Popular na Amazônia, que foi promovido pela Fundação Nacional de Arte, em 1982. Estes trabalhos do fotógrafo, traz um olhar que foge do estereótipo que é criado sobre a região e realça as fotografias por meio das cores, quase como uma forma de celebrar o modo de viver dos amazônicos.

Deste modo, para atender melhor às necessidades das cores foi elaborado uma colagem a partir das seguintes fotografias: A preferida (1985), Bar azul (1996), Barco em Santarém (2007), Barqueiro Azul (1992), Mãos Açaí (1999), Rede amarela (1988), Tarjas (1988) e Látex em cores (2018).

Figura 2 - - Colagem feita a partir das fotografias do Luiz Braga.



Compilação da autora.

A partir da colagem foi selecionado algumas cores, resultando na seguinte cartela:

Figura 3 - Cores selecionadas para a cartela de cores.

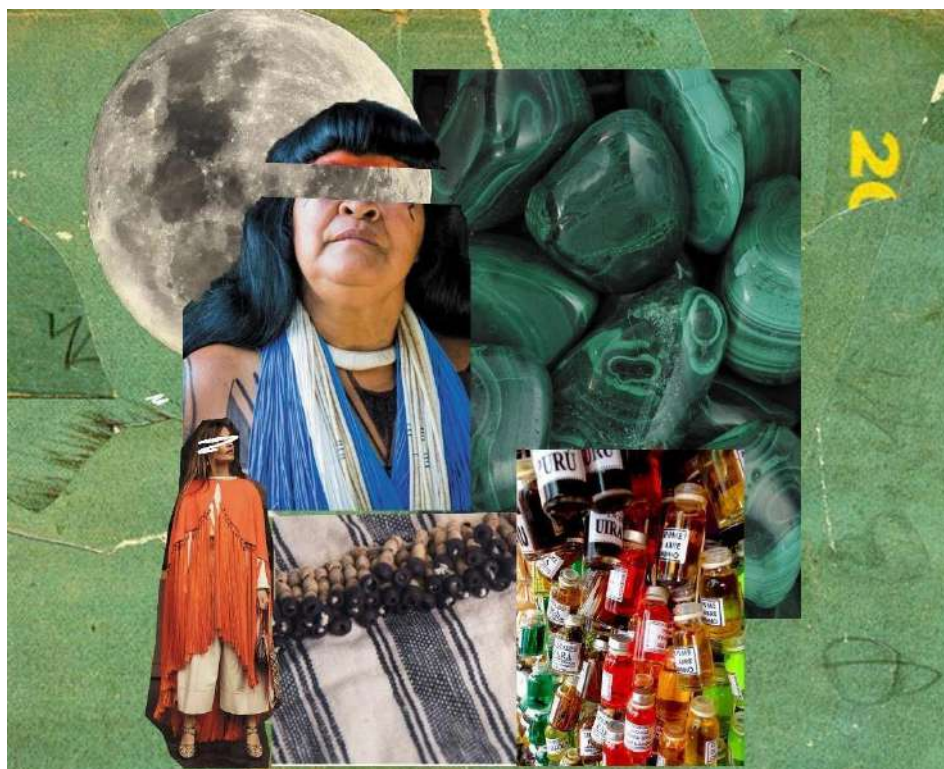


Compilação da autora.

2.3. Referências visuais

Após unir o compilado de informações ao redor dos personagens, inicia-se o processo de transpor visualmente as características de cada um por meio de uma prancha de referência. Para estas colagens, é feito um levantamento de imagens que servirão como base de inspiração para criação dos figurinos. Neste compilado de imagens poderá conter texturas, formas, cores, entre outros que fazem conexão com a personalidade do personagem.

Figura 4 - Jaci, Deusa da lua e guia espiritual.



Compilação elaborado pela autora.

Figura 5 - - Izi, filho do Deus Sol.



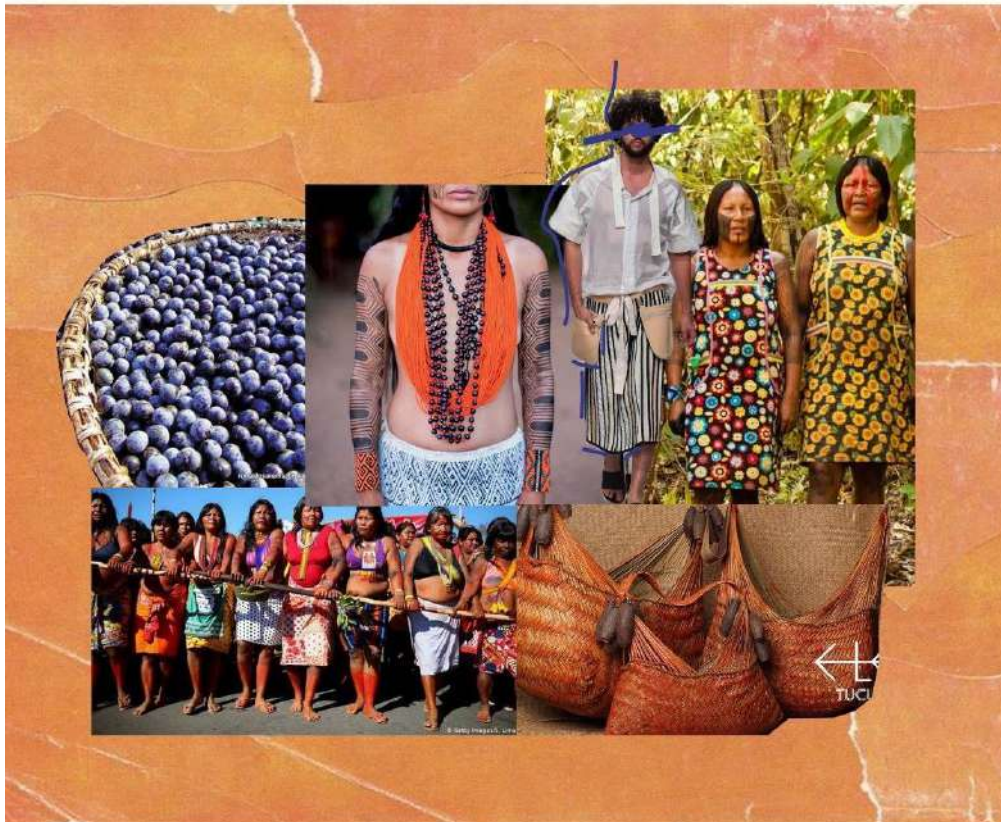
Compilação elaborado pela autora.

Figura 6 - - Naruna, líder das Ykamiabas.



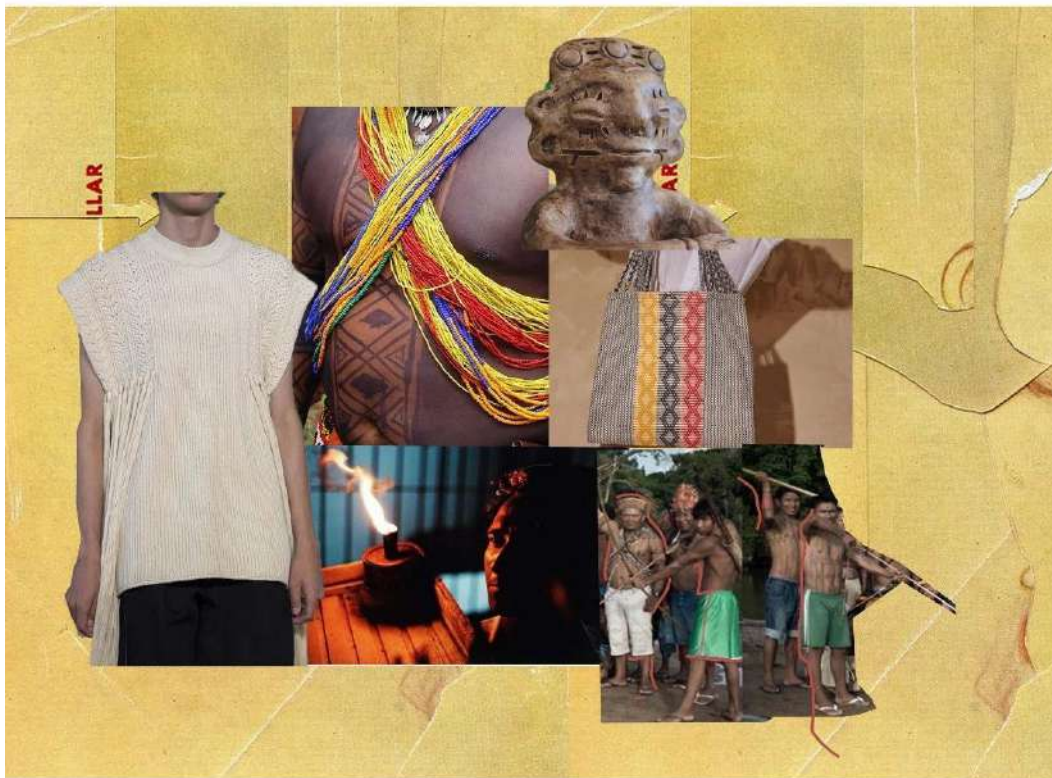
Compilado elaborado pela autora.

Figura 7 - - Ykamyabas..



Compilado elaborado pela autora.

Figura 8 - Seguidores de Izi.



Compilado elaborado pela autora.

Figura 9 - Guacarís.



Compilado elaborado pela autora.

2.4. Croquis

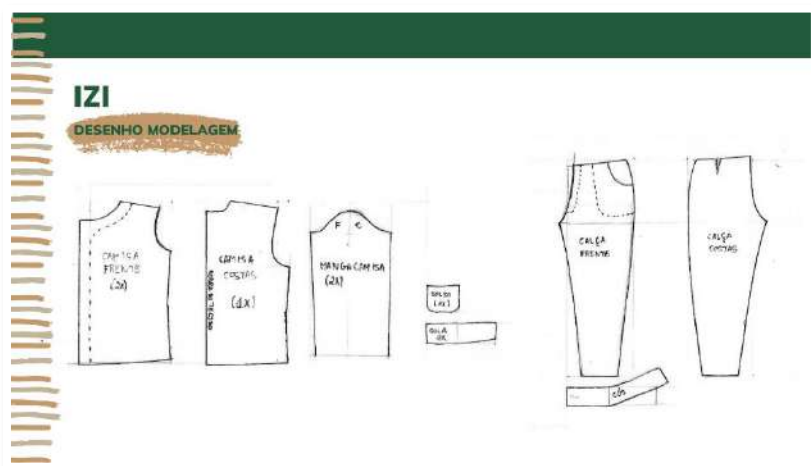
Após fazer as associações das características dos personagens com elementos imagéticos é por meio dos croquis que os figurinos ganham forma. Nesta etapa, foi unificado as características do personagem com a imagem que se deseja passar. Desse modo, como por exemplo, para alguns personagens que teriam mais contato com o meio urbano, o figurino é mais contemporâneo. Para os personagens como o chefe Izi, que são agarrados à tradição, o figurino traz mais elementos da cultura indígena.

Figura 10 - Izi, filho do sol.



Desenho elaborado pela autora.

Figura 11 - Desenho da modelagem do personagem Izi, filho do sol.



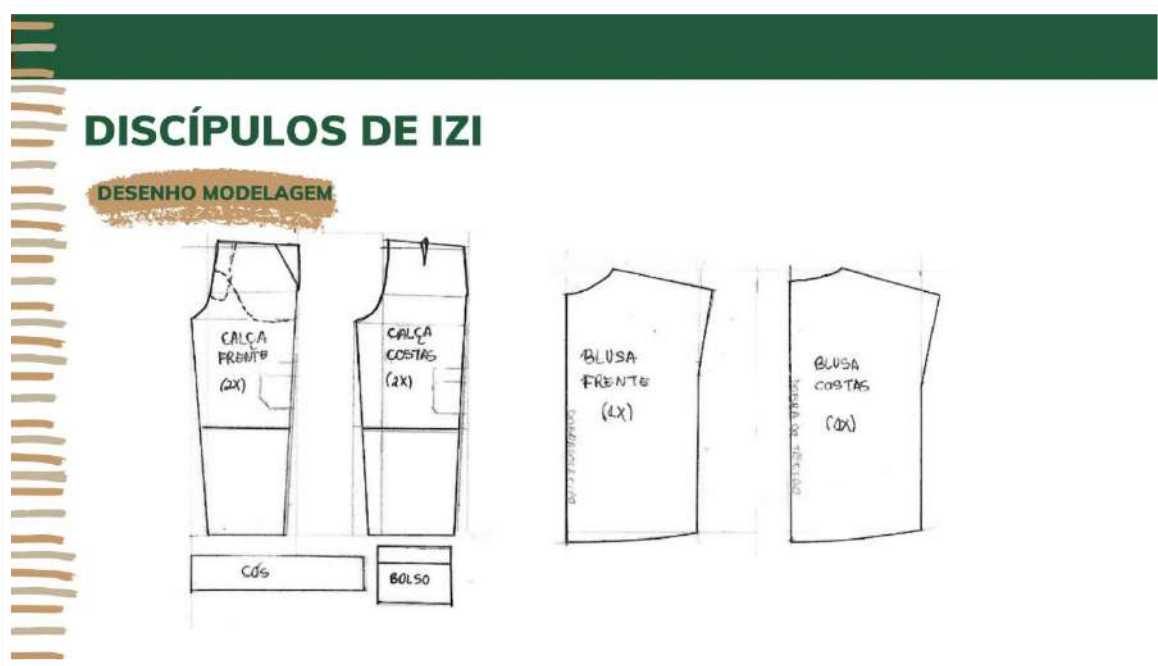
Elaborado pela autora.

Figura 12 - Discípulos de Izi.



Desenho elaborado pela autora.

Figura 13 - Desenho da modelagem do personagem discípulos de Izi.



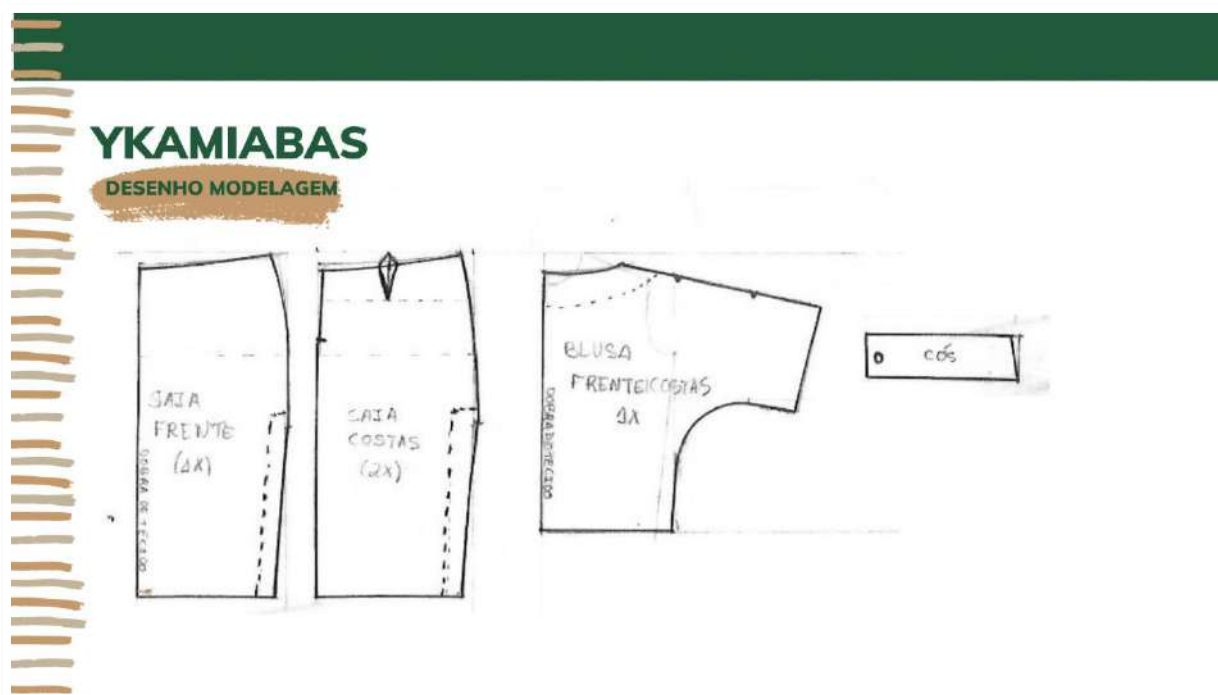
Elaborado pela autora.

Figura 14 - Ykamyaba.



Desenho elaborado pela autora

Figura 15 - Desenho da modelagem da personagem Ykamyaba.



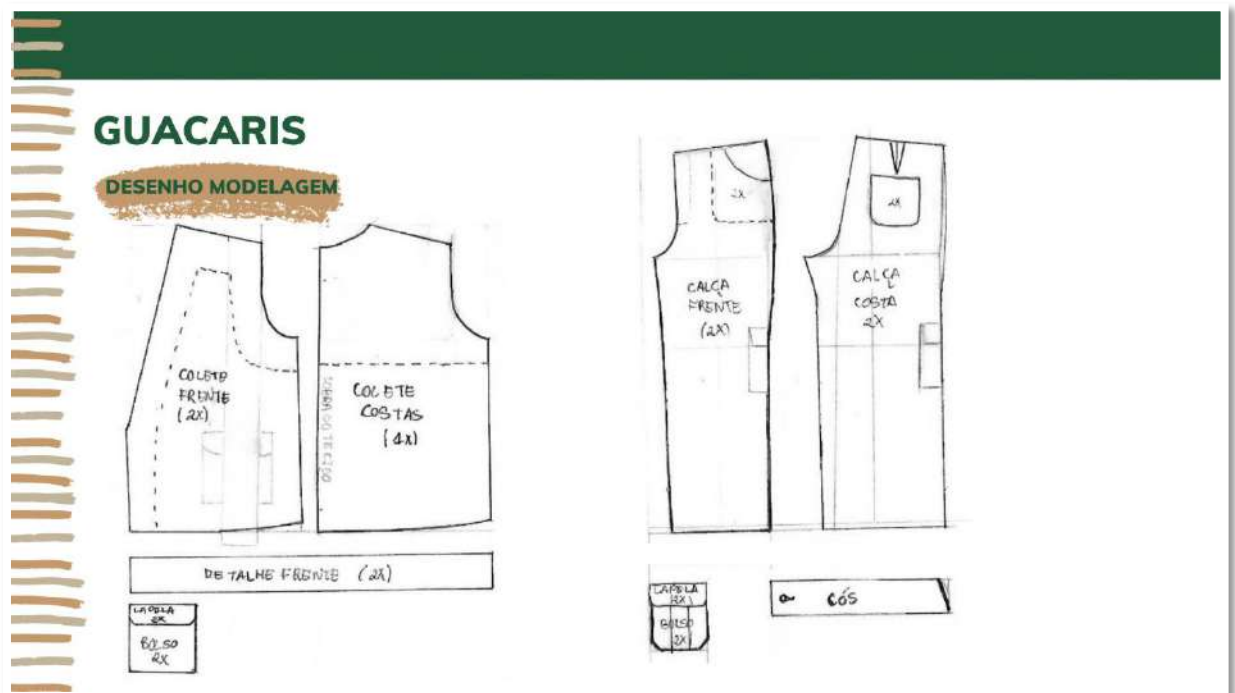
Elaborado pela autora.

Figura 16 - Guacaris.



Desenho elaborado pela autora

Figura 17 - Desenho da modelagem do personagem Guacaris.



Elaborado pela autora.

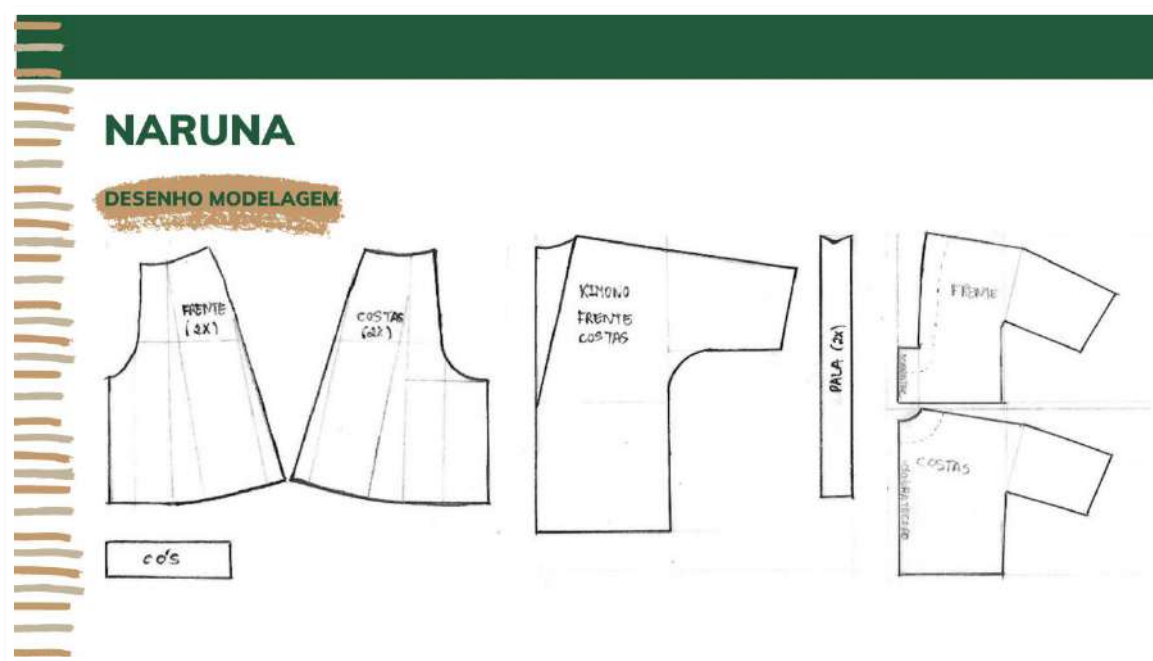
Figura 18 - Naruna Aldeia do chefe Izi.

Figura 19 - Naruna líder das Ykamiabas



Desenho elaborado pela autora.

Figura 20 - Desenho da modelagem do personagem Naruna.



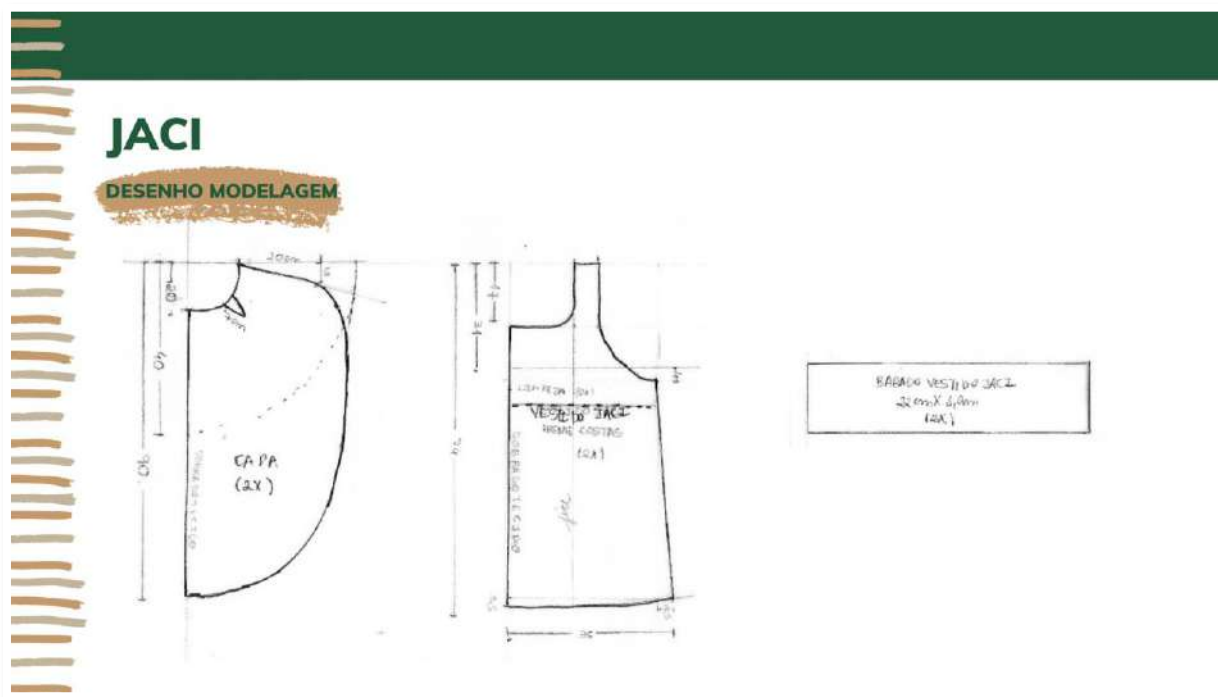
Elaborado pela autora.

Figura 21 - Jaci Deusa da lua.



Desenho elaborado pela autora.

Figura 22 - Desenho da modelagem do personagem Jaci Deusa da lua.



Elaborado pela autora.

2.5. Processo de confecção do figurino.

Inicialmente a intenção era de executar o figurino da líder das Ykamyabas, Naruna. Porém, durante o processo percebi que seria mais interessante colocar em prática o figurino da Jaci, a “Deusa da Lua”. Considerando que na minha concepção esta seria a personagem mais misteriosa, iria alcançar o objetivo de exprimir com mais potência a estética da combinação do tradicional com contemporâneo. Sendo assim, o figurino que será executado é o da personagem Jaci, Deusa da lua.

Após tirar as medidas da modelo dou início a confecção do figurino. Desse modo, como o manto da personagem ele é curto na frente e vai se tornando cumprido nas costas para poder entender qual tamanho e qual comprimento que gostaria que a capa tivesse, fiz uma moulage para que dessa maneira se tornasse mais fácil de entender como seria o caimento e também a forma como iria traçar na modelagem plana.

Imagens 23 a 40 - Processo de confecção do figurino

Figura 23 - Iniciando a moulage no manequim.

Figura 24 - Analisando o caimento da moulage.

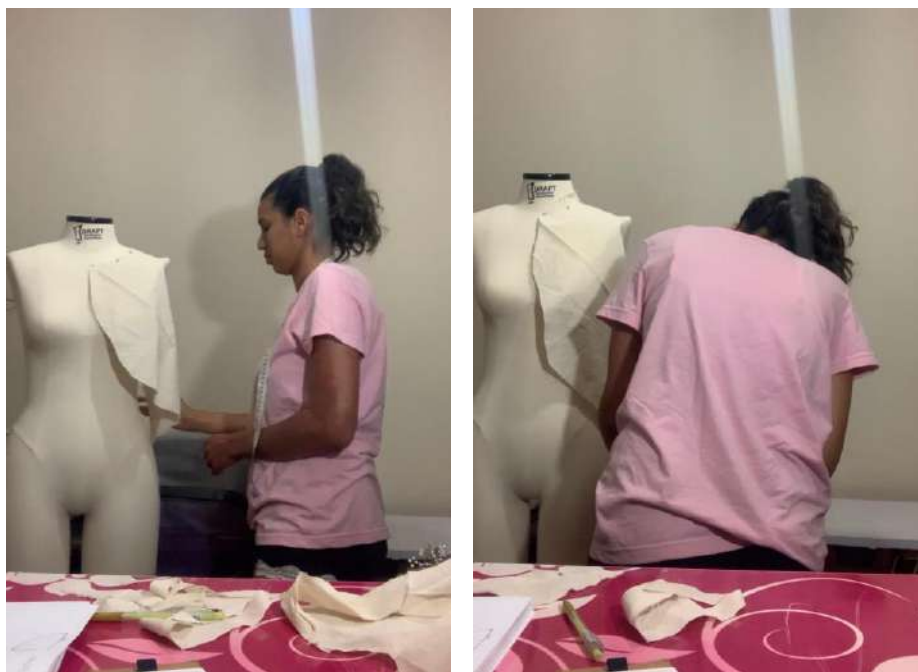


Foto: Mônica Brêtas.

Em seguida, para testar a modelagem foi elaborado um protótipo com um tecido que tinha disponível no acervo. Neste protótipo, foi identificado a necessidade

de incluir uma pence a altura dos ombros para que o manto caísse de maneira adequada no corpo da modelo.

Posteriormente, foi iniciado os teste com os aviamentos que seria utilizados no manto. Como o manto possui uma franja feita de palha, foi necessário fazer um alguns teste para compreender qual seria o comportamento da palha. O melhor resultado foi o de fazer um mini tassel na ponta da palha pois o desejado era aproveitar o comprimento da palha ao máximo. Diante disso, as palhas foram esticadas, devido ao fato das palha serem vendidas enroladas dentro do saco, separada em bolos com 15 fios de palha e com um a mais que prendia o tassel. E para, pode prender o tassel de palha a capa, foi utilizado uma linha comum e costurado junto com uma conta de açai, na parte da bainha interna da capa. Como pode ser visto nas imagens.

Figura 25 - Palha sendo esticada.

Figura 26 - Resultado da palha em formato de tassel.

Figura 27 - Tassel de palha.





Foto: Amanda Brêtas.

Figura 28 - Resultado do protótipo feito a partir da moulage, do manto com os tassels de palha.
 Figura 29 - Ângulo mais próximo do resultado do protótipo com o tassel de palha.



Foto: Amanda Brêtas

Após finalizar o protótipo da capa foi dado início a modelagem do vestido. Desta maneira, o molde foi feito a partir da base criada com as medidas da modelo e ao finalizar o molde também foi executado um protótipo para ver caimento e a proporção entre o corpo do vestido e o babado. Além disso, foi feito uma prova de roupa com a modelo para verificar a visibilidade e se as proporções estava de acordo com o que foi desejado para o figurino.

Figura 30 - Desenvolvendo a modelagem do vestido.

Figura 31 - Protótipo do vestido já com as marcações deites após a prova de roupa com a modelo.

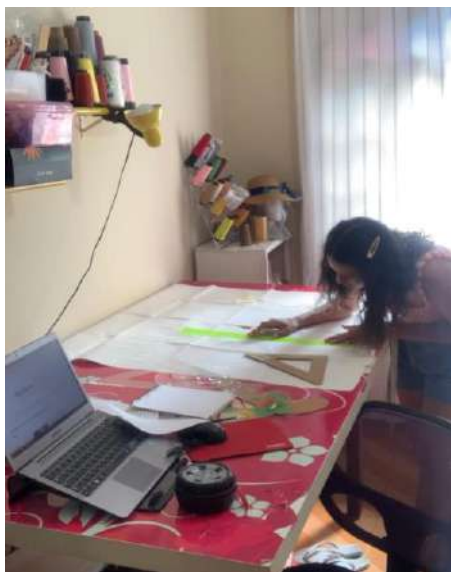


Foto: Mônica Brêtas.

Após finalizar os protótipos dou início a pesquisa de matérias. Desse modo, para identificar quais cores de tecido, quais aviamentos e como os elementos funcionariam juntos solicito amostras de tecidos e em seguida defino qual que será utilizado.

Figura 32 - Pesquisa de matérias.

Figura 33 - Análise de combinação de matérias.

Figura 34 - Matérias definidos para confecção do figurino da personagem Jaci.



Foto 32: Mônica Brêtas

Foto 33 e 34: Amanda Brêtas.

Mediante aos matérias definidos inicia-se o corte e confecção das peças. Nos aviamentos a costura é feita de maneira manual.

Figura 35 - Costurando as contas na bainha do vestido.

Figura 36 - Contas na linha de nylon.

Figura 37 - Corte do vestido.



Foto: Mônica Brêtas.

Figura 38 - Capa alfinetada para ser costurada.

Figura 39 - Costurando manualmente o tassel de palha com as contas de açaí.

Figura 40 - Confeccionando o colar de "banhos de cheiro".




Foto: Mônica Brêtas

Após o estudo de matérias no mercado e a compra dos matérias definidos, foi elabora uma ficha técnica referente aos matérias utilizados na confecção do figurino e os seus respectivos gastos.

Tabela 5 - Ficha técnica.

FICHA TÉCNICA PARA FIGURINO					
Peça	As Ykamyabas e a lenda do Muyrakytã				
Figurinista/Contatos	Amanda Brêtas				
Personagem/Ato-Cena	Jaci (Guia espiritual)				
Descrição do Figurino: Vestido no comprimento mídi, com babado na barra e costurado na bainha contas. Além disso, uma capa que possui uma franja em tassel com contas de açaf.					Beneficiamentos
Matéria Prima Principal					
Tecido	Cor	Qtde.	Fornecedor	VI. Unit.	VI. Total
Crepe	Terracota	2,50 m	Malharia Rofa	12,99	R\$ 32,50
Bengaline	Tie Dye	2,00	Caçula	12,99	R\$ 25,98
Subtotal					R\$58,48
Matéria Prima Secundária					
Material	Cor	Qtde.	Fornecedor	VI. Unit.	VI. Total
Palha	Natural	-	Rio Alegre	150 kg	R\$ 32,00
Conta Açaf	Açaf	1 Pacote	Caçula	-	R\$ 6,98
Conta	Cru	80 Unidades	Aristeu	R\$ 0,12	R\$ 10,00
Conta	Preto	4 Pacotes	Caçula	-	R\$ 11,96
Mão de obra					R\$ 200
Subtotal					R\$ 260,94
Acessórios					
Item	Cor	Qtde.	Fornecedor	VI. Unit.	VI. Total
Corrente	Ouro Velho	1 pacote	Aristeu	-	R\$ 2,00
Argola	Ouro Velho	1 pacote	Palácio Crista	-	R\$ 2,50
Ferrinho	Ouro Velho	1 pacote	Palácio Crista	-	R\$ 2,50
Garrafinha	-	4 Unidades	Loja de Essência	R\$ 1,96	R\$ 7,85
Subtotal					R\$ 14,85
Total					R\$ 334,27



Amostras de Materiais
Amostras de Mat

Ativar o Windows
 Acesse Configurações pai

Ficha elaborada pela autora a partir de levantamento de preço dos matérias nos estabelecimentos.

Resultado final do figurino pronto.

Figura 41 - Detalhes do vestido e do colar de “banhos de cheiro”.

Figura 42 - Visão de corpo inteiro do vestido.

Figura 43 - - Detalhes do colar de "banhos de cheiro".



Foto: Julia Camacho, Modelo: Ana do Socorro.

Figura 44 - Manto da Jaci.

Figura 45 - - Modelo vestindo o manto.

Figura 46 - Modelo usando o manto, visão de corpo inteiro.

Figura 47 - Detalhes do manto.



Foto: Júlia Camacho, Modelo: Ana do Socorro.

3. Considerações finais.

Após percorrer uma longa trajetória para alcançar o objetivo deste projeto, sinto-me contente em ver o resultado final deste trabalho. Ao surgir o interesse em trabalhar com lendas e mitos indígenas onde a narrativa trata do protagonismo da mulher indígena, entendi que o enredo dessa história poderia se passar claramente nos dias de hoje. Além disso, observei que seria uma oportunidade de propor figurinos que comunicassem os povos originários, para além dos estigmas criados pela sociedade.

Foi um percurso muito longo e enriquecedor, e que foi impactado por diversos acontecimentos, como o concurso e o advento da pandemia, muitas vezes precisei pausar e reiniciar a pesquisa, o que de uma certa forma atrapalhou a continuidade da mesma. Além disso, desde o princípio, a busca por informações e estudos a respeito da temática foi bastante difícil já que na região não havia muitos materiais sobre. Somente após o retorno a Belém, região a qual encontro diversos estudos e análises que tornou-se viável uma pesquisa mais rica. Mediante a isso, dei início a um estudo longo e aprofundando em torno da lenda e da história das Ykamyabas.

Desse modo, após longo tempo explorando, estudando e analisando sobre os materiais que encontrei na ida a Belém surge uma dificuldade no desenvolvimento do criativo. Por ser uma proposta de figurino que vai na contramão do que é mais comum foi extremamente desafiador entender e chegar em um ponto de comunicar a personalidade dos personagens por meio do figurino sem ir no caminho do estereótipo. Com isso, pude perceber que escolhi comunicar de maneira muito “bela” personagens que no meu ver tem um cunho bastante politizado. Dessa maneira, acredito que poderia ter dividido melhor o tempo de pesquisa versus o tempo de desenvolvimento criativo já que devido à dificuldade da proposta necessitava de um tempo para entendimento maior.

O projeto, assim como o percurso da minha graduação foi uma vivência exploratória e repleta de importantes aprendizados pelo caminho. A busca por fazer o melhor me proporcionou entrar em contato com realidade que não estavam tão próximas, conhecer lutas e personalidades extraordinárias. Para além disso, permitiu tirar um tempo e para olhar a trajetória da minha família, meus ancestrais o que me proporcionou descobertas que talvez sem este trabalho, não existissem.

Devido a pandemia, a apresentação do figurino confeccionado precisou ser adaptada. Para isso, elaborei um vídeo com o figurino sendo vestido (para assisti-lo o

link encontra-se na referência) que foi utilizado na apresentação para que fosse possível vê-lo de diversos ângulos, como também entender como funcionaria em um personagem real.

A intenção foi de propor um figurino contemporâneo com o intuito de sair desse lugar do estereótipo. Comunicar e falar desse povo originário, que está presente no nosso dia a dia, que precisam ser vistos, reconhecidos e inseridos em todos os lugares como indivíduos que possuem suas particularidades e não limitados ao estereótipo impostos neles desde a chegada dos invasores desta terra. Desse modo, reconheço ter sido um grande desafio, e que concluo com o sentimento de satisfação.

4. Referências

ALMEIDA, Amanda. Ykamiabas e a lenda do Muyrakytã: uma proposta de figurino. Direção Amanda Brêtas. Rio de Janeiro, Brasil [2021]. Disponível em <<https://m.youtube.com/watch?v=cWelmTJI-Pw>> Acessado em: 7 março 2021.

AMORIM, A. Santarém sua história e suas belezas: 1. ed. Belém: Samauma Editorial, 2013.

ANGELO Guido. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9546/angelo-guido>>. Acesso em: 18 de Fev. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

BARATA, F. O muiraquitã e as "contas" dos tapajó. São Paulo, 1954

BEZERRA, A; PAULA, A. Lendas e mitos da Amazônia. Belém: Embratel, 1985.

BEZERRA, A; PAULA, A. Lendas e mitos da Amazônia: concurso de monografias "José Coutinho de Oliveira". Rio de Janeiro, 1985

BRAGA, P. A realidade indígena no Brasil por Aiacá. Belém: Samauma: Editorial, 2015.

COSTA, Marcondes Lima da; SILVA, Anna Cristina Resque Lopes da and ANGELICA, Rômulo Simões. Muyrakytã ou muiraquitã, um talismã arqueológico em jade procedente da Amazônia: uma revisão histórica e considerações antropogeológicas. *Acta Amaz.* [online]. 2002, vol.32, n.3, pp.467-467. ISSN 1809-4392. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43922002323490>.

GALINA, Décio. O fotógrafo Luiz Braga mergulha em sua ancestralidade indígena. Forbes, 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com.br/principal/2020/10/luiz-braga-perde-o-pai-na-pandemia-e-mergulha-em-sua-ancestralidade-indigena/>>. Acessado em: 21, janeiro de 2021. ISBN: 978-85-7979-060-7

GUIDO, Ângelo. O Reino das mulheres sem lei: ensaios de mitologia Amazônica. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937

KAYAPÓ, B. Me à yry Tekrejarôti-re: os trabalhos artesanais dos mebengokre-kayapo das aldeias e as casas. Belém, 2013

LOREDO, S. As Icamabas: uma lenda das Amazonas. 1ª ed. Belém: Império, 2017.

LUIZ Braga. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível

em:<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa16738/luiz-braga>>. Acesso em: 31 de Jan. 2021. Verbete da Enciclopédia.

NAVARRO, Alexandre; COSTA, Marcondes; SILVA, Abrahão; ANGÉLICA, Rômulo; RODRIGUES, Suyanne and NETO, João. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio, Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.12 no.3 Belém Sept. /Dec. 2017 <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300012>

PESCE, R. Vovó Amazônia está contando. Belém: Gráfica, 1980.

RIBEIRO, B. A arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico. Fundação nacional de arte, 1985.

ROCQUE, C. Grande enciclopédia da Amazônia. 1. ed. Belém: Amazônia editora LTDA, 1968.

RODRIGUES, B. O muirakytã e os idolos simbólicos: estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos pré-históricos. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899

SANTOS, Silmara. YKAMIABAS - Mulheres guerreiras: entre mitos, lendas, historicidade, gênero e sexualidade. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 Women's Worlds Congress (Anais Eletrônico), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

SCHAAN, D; ALVES D. Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém. 1. ed. Belém: Gráfica Supercores, 2015.

SOUZA, M. Protagonismo feminino na floresta: uma leitura de Regina Melo. UFRP, 18º REDOR, pp.1635-1647, Novembro, 2014.

TIRAPELI, P. Arte brasileira: arte indígena do pré-colonial à contemporaneidade. 1. ed. Belém: Nacional, 2006

YAHN, Camila. Estilista indígena expoente, Day Molina fala sobre representatividade, apropriação cultural e conquistas de novos espaços. Fashion Forward, 2020. Disponível em: <<https://ffw.uol.com.br/noticias/moda/colocar-uma-modelo-no-desfile-ou-na-capa-nao-e-representatividade-diz-a-estilista-e-stylist-indigena-day-molina/>> Acessado em: 19, Janeiro de 2021.